



## Proseando

### Muros: pra que muros?

E o navegando está chegando à estação final de 2017. Se olharmos para trás veremos um longo mar navegado. Entre ondas altas e baixas, terminamos nossa viagem. Hora de escancarar o coração para receber o Ano Novo para que ele se sinta acolhido. Muitos afirmam que o adjetivo “Novo” não existe no calendário e que tudo é exatamente igual. Concordo e acrescento que todo dia é dia de recomeçarmos.

Todavia, a mudança após doze meses de viagem e com desafios a cada dia, é diferente. A chegada deste “novo” afasta-nos da cultura de que precisamos fazer tudo cronometrado, medido, porque ninguém pode perder tempo. Esse ritual de passagem para o Novo, com suas festividades e alegrias, é muito especial, pois lembra-nos de que há coisas e momentos que só se medem com o coração.

A correria do mundo moderno faz-nos descuidar de rituais como esse e pior, não passamos para os jovens algumas tradições de rituais de passagem. Descuidamo-nos desses detalhes; afinal, a vida é tão corrida! Conseqüentemente, quando chega o momento de os jovens assumirem o comando de sua embarcação, muitos navegam sozinhos e sem bússola – elementos essenciais para uma navegação segura e feliz. Desnecessário discorrer, aqui, sobre os danos desse descuido.

Às vezes, minha gente, precisamos derrubar muros para que os nossos olhos possam ver a beleza do Novo que desponta. Para que os nossos olhos vivenciem o Natal na sua plenitude. Precisamos derrubar, principalmente, os muros invisíveis: mágoas, prepotência, indiferença, enfim, tudo o que nos machucou. Diferentemente do que disse Camões, que tudo muda, eu diria que nem tudo. Os muros continuam a existir. Continuam sendo erguidos segregando pessoas. Por que falei de “muros” em uma época tão especial? Simplesmente, porque me lembrei dos natais de minha infância. Distraia-me fazendo o trajeto da escola para casa, andando pela calçada olhando as árvores de natal das casas. Todas as casas tinham seus muros, mas eram tão baixos que não nos sentíamos constrangidos em olhar para além deles. Aqueles muros só serviam para definir limites legais. Não segregavam. Não isolavam os moradores das demais pessoas. Infelizmente, o tempo passa e os muros foram ficando cada vez mais altos. Fossem eles muros físicos ou psicológicos. Hoje, eles não só ficaram altos, como alguns têm até cacos de vidro. E os muros invisíveis que separam pais de filhos, maridos de mulheres, pessoas de uma mesma família, são os piores, são os mais difíceis de serem derrubados. Alguns ficam cada vez mais altos, pois cada palavra mal interpretada, cada gesto descuidado novos tijolos são acrescentados. Como outros, esses muros também não caem sozinhos, têm de ser derrubados por cada um de nós. Oxalá consigamos que eles não se tornem elementos do cenário de nosso cotidiano, impedindo-nos de viver harmoniosamente. Não há dúvida de que reconhecer a presença de “um muro” é fácil, mas derrubá-lo dá muito, muito trabalho. São tantos “entulhos” a serem removidos!

Hoje, os “condomínios” verticais e horizontais esparramam-se pelas cidades, o que me leva a pensar nas palavras de Aristóteles: O homem é um ser social e precisa dos outros, por isso se reúne em comunidade. Ledo engano! Nos condomínios horizontais, apesar de as casas serem muito próximas, os muros estão lá. Não, não me refiro aos muros de cimento, esses são visíveis e estão lá cumprindo seu papel. Refiro-me aos muros invisíveis. São muito maiores que os outros. Nos prédios, a situação não é diferente. E pensar que numa sociedade em que há dia para tudo, inventaram até o dia do vizinho! Sinceramente, não sei em que isso ajudou. Tentem, por exemplo, organizar uma confraternização de Natal no prédio. No condomínio. Depois me contem!

É isso, minha gente. É fácil reconhecer os muros. Mais fácil ainda escrever sobre eles. Difícil é derrubá-los. Este texto mexeu bem lá no fundo da minha alma: trouxe à tona os muros da minha vida. Aqueles que, conscientemente ou não, eu os construí. Ouço os Engenheiros do Havaí incentivando-me a derrubá-los: “Os muros nos protegem de quase tudo/ Mas o quase tudo quase sempre é quase nada/ E nada nos protege de uma vida sem sentido”. Acrescento: Vazia. Sem amigos!

Pensemos em quantos já morreram tentando ultrapassar muros.

Feliz Natal para todos. Até 2018!

Profª. Sueli Palma



## Novidades do mês



Adeus às armas - Ernest Hemingway



Todo Amor - Vinicius de Moraes



Clube da luta - Chuck Palahniuk



## Citações

Construímos muros demais e pontes de menos (**Isaac Newton – cientista, filósofo, matemático, astrônomo e teólogo inglês**).

Antes de construir um muro, pergunto sempre quem estou murando e quem estou deixando de fora (**Robert Frost - escritor norte-americano**).

Se você se sente só é porque ergueu muros em vez de pontes (**William Shakespeare – poeta, dramaturgo e ator inglês**).

Há muros que só a paciência derruba. E há pontes que só o carinho constrói (**Cora Coralina – poetisa e contista brasileira**).



## Sugestão Cultural

**Sugestão de Leitura:** Sueli Brás Monteiro da Palma professora corretora de redação, indica a leitura do livro **A elegância do ouriço** de Muriel Barbery – narra a rotina de um condomínio de alto padrão localizado num bairro nobre de Paris. Ele encanta pela delicadeza com que o autor trata as questões existenciais, pela erudição e pela riqueza de referências culturais.

### Filmes

**O homem da máscara de ferro:** Baseado na obra de Alexandre Dumas, retrata o cenário político e social na França, no século 17, durante a monarquia de Luís XIV. Ele manda o irmão gêmeo Philippe para a masmorra, temendo que ele possa roubar-lhe o trono. Como se torna um tirano, pelo qual nem mesmo seus súditos mais fiéis têm simpatia, Luís atrai a inimizade dos famosos mosqueteiros Athos, Porthos e Aramis. Quando eles descobrem o segredo do rei, decidem salvar o prisioneiro e, talvez, mudar os rumos da França.

**Direção:** Randall Wallace

**Data:** 1998

**País:** EUA

**Shakespeare apaixonado:** O filme narra a fase em que o escritor William Shakespeare sofre um bloqueio criativo e não consegue escrever mais nenhum sucesso. Eis que o destino coloca em sua vida a jovem Viola que tem o sonho de ser atriz, o que é considerado ultraje para a época. Essa paixão faz com que Will volte a escrever, e a jovem Viola, para conseguir seu sonho e atuar, disfarça-se de homem e entra para a companhia de teatro de Will. O filme retrata as mudanças sociais, o contexto artístico e o pensamento Renascentista da época.

**Direção:** John Madden

**Data:** 1999

**País:** EUA, Reino Unido

**Fonte:** www.adorocinema.com.br

Querido leitor, que a sua noite de Natal adormeça com risos e prosas.

(Sueli Palma)

## Texto do mês

### A ORAÇÃO DO ANO NOVO – Martha Medeiros

Chegou ao fim. Acabou. O ano virou a esquina. Não volta nunca mais. Assim como as oportunidades perdidas, os beijos não dados e as palavras não ditas que nele ficaram e nele naufragaram no limbo do passado. Para deixar saudade. Para deixar arrependimento. Para deixar alívio. Para deixar.

O que foi feito, foi feito. O que foi sentido, foi sentido. O que foi vivido, foi vivido. O que não foi, virou poeira. E da poeira virou pretérito. E do pretérito virou esquecimento.

Enquanto um ano dá adeus, o outro já nos atropela. E ele chega sem pedir, ele chega sem permissão, ele chega sem bater na porta. Ele chega sem que tenhamos tempo de engolir o último. Sem pausa, sem recesso, sem férias. 365 chances velhas são perdidas para que 365 novas sejam ofertadas.

E sabe o que eu espero do ano novo?  
Eu não espero nada.  
Eu espero muito é de mim mesma.

Eu espero doar sem me preocupar se vou receber.  
Eu espero ser para o mundo sem me preocupar se o mundo me será de volta.  
Eu espero ser a melhor versão de mim mesma.  
Eu espero ser a pessoa que o meu cachorro acha que eu sou.

Eu espero que os meus braços sejam grandes o suficiente para abraçarem as oportunidades que a vida me atirar.  
Eu espero ser sábia para conseguir dar valor ao que realmente for de valor e me desligar do que não.  
Eu espero ser esponja para o que for amor, luz e calma.  
Eu espero ser repelente para o que for nebuloso, amargo e baixo.

Eu espero ser cura. Mas também vício.  
Eu espero ser céu. Mas também inferno.  
Eu espero ser mar. Mas também lava.  
Eu espero ser muitas enquanto for só eu mesma.

Eu espero resolver as questões que deixei em aberto.  
Eu espero fechar os ciclos de ontem para dar espaços aos de amanhã.  
Eu espero deixar o passado passar.  
Eu espero fazer as pazes comigo mesma.

Eu espero me deixar carregar pela correnteza da vida.  
Eu espero que existam segundas chances.  
Mas espero não precisar delas.  
Eu espero seguir em frente.  
Mas espero saber o que importa é a direção e não a velocidade.

Eu espero que não esperem.  
De mim Por mim.  
Eu espero saber esperar.  
Dos outros. Pelos outros.  
E sabendo esperar, eu espero nada esperar.  
Assim eu espero

### RECADO PARA O ANO NOVO – Artur da Távola

Se você pensa que sabe; que o ano novo mostre o quanto não sabe. Se são sempre os outros que são isso e aquilo; que o ano novo ensine a olhar mais para você mesmo. Que o ano novo ensine que não existe ano novo para a natureza. É tudo um fluxo só. O mundo não sabe que o ano mudou. A gente é que o supõe para abastecer o farnel das esperanças combalidas. Para a natureza, o novo é cada estação, primavera, verão, outono, inverno. Aí tudo muda. O único ente da natureza que comemora o ano novo é o homem. A vida é substantiva, nós é que somos adjetivos. Já viu flor comemorando o ano novo? Então modere a sua comemoração. De qualquer maneira, feliz ano novo.

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores:  
Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves.  
Profª. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Sílvia Mamede.  
Editoração: Stanley Teixeira Lopes. Reprografia: Paulo Rogério de Faria  
Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100.  
www.anglocassianoricardo.com.br - www.facebook.com/anglosaojose



## Dicas gramaticais

**CACOETES DE LINGUAGEM:** Os cacoetes de linguagem, vícios linguísticos que costumam ser insistentes e desagradáveis, podem ser encontrados na fala e, nos casos mais graves, na escrita. Os cacoetes não são neologismos, mesmo porque os neologismos não são considerados vícios de linguagem.

Eis os cacoetes mais encontrados na linguagem oral:

**TIPO:** essa palavrinha tem sido empregada de maneira aleatória, perdida entre outras palavras sem nenhum tipo de utilidade. Para quem gosta de incluir o tipo em uma frase, ele serve, acreditem, como pontuação na linguagem oral. Ex.: Eu não sei (**tipo**), acho melhor a gente (**tipo**) pensar melhor no que vai fazer para depois (**tipo**) não sofrer as consequências.

**MEIO QUE:** outro cacoete sem significado aparece na frase apenas para rebuscar o discurso. Ex.: O professor (**meio que**) pegou os alunos de surpresa com aquela prova.

**TIPO ASSIM:** o tipo assim tornou-se uma espécie de epidemia linguística e, nos casos mais graves, pode ser encontrado até mesmo nos textos escritos. Formalmente, o tipo assim, não tem valor semântico. Ex.: Ele ficou (**tipo assim**) desanimado com a notícia que recebeu.

**CARA: Cara, Tipo assim** – todo mundo conhece alguém que se refere a outras pessoas dessa maneira. E quando “o cara” não serve nem para isso? Vejam o exemplo: **Cara**, você perdeu (**cara**) o show foi muito bom, só feras (**cara**)!

**GERUNDISMO:** o gerundismo é um modismo que utiliza de maneira inadequada a forma nominal gerúndio. O que antes podia ser dito de maneira econômica e direta foi substituído por uma intrincada estrutura que utiliza três verbos em vez de apenas um ou dois. Ex.: Nós **vamos estar identificando** o problema e assim que pudermos **estaremos entrando** em contato para solucioná-lo.  
**Fonte:** www.uol.com.br

### EMPREGO DOS PORQUÊS (regra simplificada)

**PORQUÊ (junto, com acento)** – sempre que estiver depois de um artigo (o ou um) ou pronome (possessivo, demonstrativo ou indefinido). Também não importa se a frase é afirmativa ou negativa. Ex.: O **porquê** apresentado como defesa não foi aceito./ Esse **porquê** está por demais fajuto./ **Meu porquê** nunca é levado em conta./ Pode me indicar **um porquê** para tanto ódio?/

**PORQUE (junto, sem acento)** – quando puder ser substituído pela conjunção **pois**. Ex.: Trabalho **porque (=pois)** preciso./ Vim, **porque (=pois)** o tempo melhorou.

**POR QUÊ (separado com acento)** – somente no final da frase (afirmativa ou interrogativa) Ex.: Você faltou à aula **por quê?**/ Você saiu da sala sem avisar e nem sei **por quê**.

**POR QUE (separado, sem acento)** – em duas situações:

**A** – quando couber a palavra motivo ou razão depois do **por que** (seja frase interrogativa ou afirmativa) Ex.: Sabe **por que** (motivo) eu te amo?/ Eu nem sei **por que** (motivo) ainda te levo a sério./ **Por que** (motivo) você nunca muda?

**B** – quando puder ser substituído por “**pelo qual**” “**pela qual**”. Ex.: Eis a razão **por que** luto tanto (= eis a razão pela qual luto tanto).

**Fonte:** [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br)

### PEQUENA REVISÃO DO EMPREGO DO HÍFEN

**Perdem o hífen:**

**A:** palavras compostas com elemento de conexão: dona de casa/ pé de cabra/ quartas de final/ mão de obra.

**B:** palavras derivadas com o prefixo co: coprodução/ cofundador/ responsável.

**C:** palavras formadas com advérbio **NÃO**: não fumante/ não agressão/ não governamental

**D:** palavras derivadas com prefixo dissílabos terminadas em vogal se a palavra seguinte não começar por **h** ou o “**vogal igual**” à vogal do final do prefixo: autoatendimento/ autorretrato/ antiético/ contraindicação.

**OB.S.:** Se a palavra começar com **h** ou “**vogal igual**” à do prefixo, o hífen se mantém. Ex.: anti-horário/ anti-inflamatório/ micro-ondas.

**Fonte:** g1.globo.com